



GOFFMAN E OS CONVENTOS: Uma análise do filme “As irmãs de Madalena”

Marina Grandi Giongo¹

INTRODUÇÃO

A obra de Erving Goffman é marcada por diversos estudos que se ocuparam de analisar a psique e a identidade de pessoas que fogem às expectativas sociais de normalidade. Uma delas é a obra “Estigma – Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada” (1975), em que o autor realiza um apanhado histórico sobre o significado da palavra, elaborando toda uma teoria para explicar os mecanismos de exclusão e isolamento a que estão sujeitas determinada categoria de indivíduos.

Porém, pouco antes de “Estigma”, Goffman debruçou-se em outro importante projeto de sua carreira, dedicando-se a sistematizar os processos e características implícitos ao cotidiano das chamadas instituições totais, trabalho etnográfico que culminou com a publicação de “Manicômios, Prisões e Conventos” (1974).

Em virtude do vasto campo de possibilidades que a obra de Goffman oferece a qualquer pesquisadora, o recorte temático do presente artigo ficará circunscrito aos **aspectos relacionados ao quinto grupo**, ou seja, àqueles estabelecimentos destinados a servir de refúgio do mundo, ou ainda operando como locais de instrução e confinamento religioso. Dentre essas organizações, podem ser citadas as abadias, mosteiros, conventos e outros claustros. (GOFFMAN, 2003, p. 16-17).

¹ Doutoranda em Ciência Política pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS); Mestra em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS); Especialista em Gênero e Sexualidade pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ); Jurista graduada em Ciências Jurídicas e Sociais (PUCRS) e Especialista em Direito de Família e Sucessões pela PUCRS. E-mail: marinagiongo@hotmail.com.

No interior desse universo, também pleno de caminhos para serem explorados, buscou-se restringir ainda mais o enfoque, concentrando-nos no histórico milenar de repressão feminina no seio das instituições católicas. Inicialmente, o estudo será conduzido de modo a realizar uma breve releitura a partir do olhar de Goffman a respeito dos conventos e claustros, para em um segundo momento, expor um caso nítido de abuso de poder institucional cometido contra mulheres, conectando elementos do livro a partir da análise crítica do filme “The Magdalene Sisters” (2002).

De produção inglesa/irlandesa, é narrada a história real dos Lares Madalena, uma rede de lavanderias vigente na Irlanda entre 1922 e 1996, ano em que a última casa foi interdita. O filme causou forte repercussão à época do lançamento, uma vez que denunciou ao mundo o regime de exploração e maus-tratos, marcado por constantes abusos de ordem física, psicológica e sexual contra as residentes – ou penitentes, como eram chamadas. Essa organização, comandada por quatro comunidades religiosas (Irmãs da Misericórdia, Irmãs da Caridade, Irmãs do Bom Pastor e Irmãs da Nossa Senhora da Caridade) tratava-se de uma instituição que, além de visar o lucro, constituía um dos principais mecanismos de repressão legitimados pela sociedade. Com a chancela do Estado e demais ordens religiosas, o regime imposto no interior do claustro tinha a missão de “converter” mulheres ao caminho de Deus, afastando do meio social aquelas que eram tidas como “impuras” – párias e pecadoras segundo o modelo de pureza mítica cultural da identidade irlandesa.

Feitas as considerações iniciais, passaremos a uma breve análise dos principais aspectos problematizados por Goffman no que tange ao universo das instituições totais, concedendo especial atenção aos conventos.

2 GOFFMAN E OS CONVENTOS

Na classificação das instituições totais, Goffman enquadra os conventos e demais instituições religiosas de controle como locais destinados a servir de refúgio do mundo, ou ainda locais de instrução e confinamento. O objetivo específico e a motivação pela qual o indivíduo foi até lá conduzido pode variar entre eles, mas existem características comuns, ou “famílias de atributos” em que podemos nos apoiar para entender a questão. (GOFFMAN, 2003, p. 17).

Teoricamente, um convento, abadia ou claustro recebe indivíduos dispostos a despir-se das coisas mundanas, para dedicar-se exclusivamente à fé, seguindo uma determinada doutrina espiritual, ou ainda àqueles (as) convencidos que estão a cumprir um chamado divino. Separados

da sociedade mais ampla, esse determinado grupo é mantido recluso e sob a égide de uma administração rigorosamente formal, a qual submete os internados a uma mesma rotina de penitências e regras de conduta iguais a todos. Com o pretexto de estar cumprindo diretrizes em prol de seus valores institucionais, a organização age sob o internado, transformando-o em um indivíduo despersonalizado, processo que culmina com a anulação da identidade anterior do ponto de vista pessoal e de seu papel social.

Para Goffman, a primeira, e talvez a mais significativa etapa que caracteriza “o mundo do internado” trata-se do processo de “mortificação do eu”, processo em que são suprimidos todos os elementos identitários que compõem a concepção de si próprio. Estes “ataques ao self (eu)” funcionam a partir de um despojamento universal da vida pregressa do (a) detento (a), tanto de bens materiais, quanto do papel exercido na vida civil, por intermédio dos seguintes procedimentos: em primeiro lugar, pela imposição de barreiras físicas, o isolamento que impede o contato com o mundo exterior; do “enquadramento” à instituição, que lhe impõe normas de conduta; através do abandono de bens – materiais e impalpáveis –, que faz perder seu conjunto de identidade e segurança pessoal; e por fim, a realização de uma “exposição contaminadora”, que engloba a posse de toda a vida pregressa do internado, em que qualquer pessoa detentora de algum tipo de poder venha a utilizar-se dessas informações como instrumento de violação.

Quanto a esse último aspecto, o autor sublinha que

Na admissão, os fatos a respeito das posições sociais e do comportamento anterior do internado – principalmente os fatos desabonadores – são coligidos e registrados num *dossier* que fica à disposição da equipe diretora. Mais tarde, na medida em que o estabelecimento espera, oficialmente alterar as tendências autorreguladoras do internado, pode haver confissão individual ou de grupo. (GOFFMAN, 2003, p. 91).

Nessas situações, o internado é constrangido a expor fatos e demais sentimentos sobre o eu, a exemplo das confissões e sessões de *mea culpa*, que fazem parte da rotina de instituições religiosas.

A partir do momento em que a autonomia e a liberdade de ação ficam reduzidas ao extremo, tem início uma nova fase de reorganização pessoal, fazendo com que o internado assimile a nova estruturação do eu (self). Esse novo indivíduo depara-se com uma série de instruções formais e informais, que compreendem as normas da casa, as regras com relação ao trabalho exercido dentro da instituição, além das demais rotinas diárias, que incluem horários de dormir e levantar-se, alimentação e higiene pessoal. Se seguidos à risca, esse conjunto de prescrições/proibições possibilita

reconhecimento e pequenos privilégios, ao passo em que, se desobedecidas, podem gerar sanções que vão desde o isolamento até mutilações físicas e psicológicas.

As justificativas para os ataques ao eu englobam o processo de reconhecimento sobre as consequências geradas pelo ambiente, principalmente em um contexto de austeridade como o religioso. As explicações são pautadas em argumentos *a posteriori*, cujo principal estímulo consiste na crença de que os sofrimentos e prazeres terrenos devem ser sublimados, pois **o corpo é apenas um veículo** que possibilita à alma chegar a um lugar melhor, junto a Deus:

este é o sentido da vida contemplativa, o sentido de todas as regras secundárias, abstinências, obediências, penitências, humilhações e trabalhos que constituem a rotina de um mosteiro contemplativo: tudo isso serve para nos lembrar quem somos, e quem é Deus, que podemos ficar doentes quando nos vemos, e podemos nos voltar para Ele; que no fim, descobriremos que Ele está entre nós, em nossas naturezas purificadas [...] os internados, bem como os diretores, **ativamente buscam essas reduções do eu de forma que a mortificação seja complementada pela automortificação**, as restrições pela renúncia, as pancadas pela autoflagelação, a inquisição pela confissão. (GOFFMAN, 2003, p. 47-48, grifo nosso).

Goffman salienta que a partir dessa influência reorganizadora, o internado começa a desenvolver a sua adaptação, seja pelos “*ajustamentos primários*”, quando contribui cooperativamente com as atividades exigidas pela instituição, ou pelos “*ajustamentos secundários*”, ao valer-se de meios ilícitos ou não autorizados para obterem satisfações proibidas, fugindo do modelo que a instituição pressupõe que deva ser feito ou seguido. As “*táticas de adaptação*”, que significam as respostas e a maneira com que o (a) internado (a) reage àquele quadro em que se encontra, compreende, dentre suas manifestações que vão desde o “*afastamento da situação*”, em que o internado age com indiferença, desatenção e abstenção aos acontecimentos de interações, à “*imunização*”, em que o mundo e a rotina em que está inserido passa a ser um mundo habitual sem nenhuma surpresa a ocorrer.

Outras formas de adaptação ocorrem através da “*intransigência*”, isto é, a não submissão e desafio aos limites impostos pela equipe dirigente; pela “*colonização*”, manifesta a partir da resignação, aceitando aquela vida dentro do cárcere como desejável em relação às experiências ruins no mundo externo; a “*conversão*”, em que aceita-se a interpretação oficial, representando o papel de um (a) internado perfeito (a); e por derradeiro, a “*viração*”, que nada mais é do que um mecanismo de defesa a partir da combinação dos diferentes modos de adaptação ao sistema, de modo a preservar-se de sofrimentos físicos e psicológicos.

Cabe ressaltar que esse rol de características das instituições totais propostas por Goffman não configura um rol exaustivo, podendo englobar inúmeros outros elementos, além de peculiaridades bastante variáveis de instituição para instituição. Contudo, os pontos citados anteriormente, já compõem um substrato adequado, permitindo-nos proceder à análise dos tipos presentes no filme “The Magdalene Sisters”, que retrata a experiência cotidiana dentro de uma instituição total.

3 AS IRMÃS DE MADALENA

Referência direta à personagem bíblica Maria Madalena – conhecida no imaginário ocidental como a prostituta que, arrependida pelos seus pecados, teria acompanhado os últimos momentos da vida de Jesus Cristo – os Lares Madalena faziam parte de uma rede de asilos-reformatórios, que recebiam moças consideradas desviantes e marginalizadas socialmente. Em plena atividade durante os anos de 1922 a 1996, as lavanderias eram de responsabilidade das Irmãs da Misericórdia, que sob a chancela da Igreja Católica, contavam com diversas unidades espalhadas pela Irlanda (principalmente a do sul, de maioria católica). Ao longo desses 74 anos, estima-se que cerca de trinta mil mulheres passaram por esses reformatórios, muitas morrendo, junto de seus bebês, atrás dos muros da instituição.

Inicialmente concebidos para converter ex-prostitutas, os Lares Madalena insidiosamente foram adquirindo outra roupagem, recebendo todas aquelas mulheres acusadas sob qualquer pretexto que maculasse a austera moral e os bons costumes daquela que era a base de uma sociedade predominantemente machista e patriarcal. Entre as reclusas, estavam principalmente jovens que haviam feito sexo fora do casamento (muitas delas vítimas de estupro); mães solteiras; mulheres com problemas mentais; aquelas consideradas belas aos padrões vigentes, portanto “perigosas” demais aos olhos da igreja; as espertas, revolucionárias ou rebeldes; ou ainda ex-prostitutas idosas e/ou viúvas que não “honravam” a memória do marido falecido.

O filme retrata a vida de três jovens mulheres, que foram internadas numa destas casas no ano de 1964. Logo na introdução, são expostos os crimes cometidos por cada uma delas: Margaret foi condenada por ter sido estuprada pelo primo e não esconder o crime dos pais e da sociedade; Bernadette, uma bela jovem que atrai os olhares masculinos, foi punida por deliberadamente apreciar o fascínio que sua sexualidade exercia sobre os homens; e Rose, que foi contra os costumes

conservadores e engravidou antes do casamento. Logo após o parto, ela é obrigada a entregar o bebê para adoção, além de ter para si negado o direito de manter qualquer tipo de contato com a criança – situação pelas quais passaram a maioria das mulheres mães reclusas naqueles estabelecimentos. Uma dessas histórias também foi sensivelmente retratada no filme “Philomena”. Indicado ao Oscar 2014, a história real da irlandesa Philomena Lee conta a peregrinação na busca do seu filho Anthony, arrancado ainda criança dos seus braços na época de sua detenção.

Em 1952, ainda adolescente, Philomena engravidou após uma aventura amorosa fora dos moldes do casamento. Considerada uma mulher indigna por sua família na conservadora e católica Irlanda, a jovem foi mandada para o convento de Roscrea (nome de um dos Lares Madalena), onde deu à luz um menino, a quem deu o nome de Anthony. Aos quatro anos, Anthony foi separado de Philomena e entregue a um casal norte-americano, destino o qual a maioria dos bebês eram levados. Sofrendo calada ao longo de 50 anos, um dia ela decidiu procurar o filho a convite de Martin Sixsmith, um jornalista da BBC que acompanhou-a em sua saga até os Estados Unidos.

Atualmente estando à frente da organização “Philomena Project”, que luta para ajudar outras mães ex-internas dos Lares Madalena a encontrar seus filhos, Philomena é a porta-voz para que o governo irlandês promulgue uma lei que permita a consulta aos registros de crianças adotadas. Em visita ao Vaticano em fevereiro de 2014, Philomena fez um desabafo: “Espero e acredito que o papa Francisco se unirá à minha luta para ajudar as milhares de mães e de filhos a colocar um fim em sua dolorosa história”, disse Lee.²

Por tais crimes e pecados, as mulheres reclusas trabalhavam 364 dias por ano, onde o único dia de descanso era no Natal. Os castigos não escolhiam hora nem motivo: apanhavam caso fossem pegas falando com alguém de fora dos muros da instituição; se tentassem fugir; se desobedecessem a qualquer ordem das irmãs; ou ainda se conversassem durante o trabalho. O trabalho executado nas lavanderias movimentava grandes quantias de dinheiro, e as madres superiores (usufrutuárias do poder conquistado a partir do momento em que subiam nos níveis hierárquicos institucionais, por serem consideradas como as “menos impuras”) embolsavam todo o lucro da atividade. Além de não ver repassado nenhum tipo de remuneração, as internas recebiam uma alimentação pobre, muito inferior aos banquetes diários apreciados pelas freiras. Para completar esse cenário de

² Portal G1.com. **Mulher que inspirou filme 'Philomena' é recebida pelo Papa Francisco**. 'Acredito que o papa se unirá a minha luta', disse irlandesa após encontro. Busca por filho entregue à adoção é retratada em filme indicado ao Oscar. Disponível em: <<http://g1.globo.com/pop-arte/oscar/2014/noticia/2014/02/mulher-que-inspirou-filme-philomena-e-recebida-pelo-papa-francisco.html>>. Acesso em: 09 de maio de 2017.

“valores” cristãos totalmente subvertidos, eventualmente, algumas delas – especialmente as mais fragilizadas –, eram obrigadas a prestar favores sexuais ao padre. Se existia algum tipo de inferno, era ser enviada para algum desses asilos. A história dessas mulheres assemelha-se mais a um pesadelo com matizes sombrios, evocando atos, aspectos e ideias de tempos medievais, recém saídas das fogueiras provocadas pelo Tribunal do Santo Ofício. O mais surpreendente é saber que esses resquícios da inquisição foram vivenciados em plenos anos 60, sob os olhos omissos de uma sociedade indiferente à degradação da condição feminina.

A intersecção entre as características da obra de Goffman expostas na primeira parte desse ensaio, começa a partir daquela que é a mais marcante etapa para quem ingressa em uma instituição total. O processo de “mortificação do eu” pode ser constatado em diversas passagens do filme, a despeito da visível transformação no momento em que as internas deixam suas roupas e acessórios para adotar cabelos na altura dos ombros e um uniforme simples, que só deixa de ser usado em procissões da igreja na comunidade. Nessas ocasiões, o mais atento observador constata que a vestimenta também funciona como um instrumento de estigmatização: enquanto as irmãs e madres superiores vestem um hábito preto, as “mais impuras” são diferenciadas das demais usando véu e hábito branco, facilitando assim a sua identificação para a sociedade exterior.

Em outro momento, Bernardette, presa no convento por provocar os homens com seu comportamento lascivo, é também uma das mais rebeldes dentre as novatas. Marcadamente tomada por um ímpeto de revolta, seu mecanismo de defesa enquadra-se de modo absoluto na intransigência proposta por Goffman. A insurgência ante aquele confinamento forçado acabou por ocasionar inúmeras punições por seu mau comportamento, mas dentre os castigos que mais afetaram Bernardette foi quando teve seus cabelos raspados. Essa passagem é carregada de simbolismo, uma vez que um dos artifícios mais apreciados por uma mulher que sabe ser bela é o cuidado e o orgulho de ter longos cabelos. Para uma mulher vaidosa e segura de seu poder tal como portava-se antes de entrar no convento, pode-se dizer que esse foi o ápice do processo de “mortificação do eu”, e que para Bernardette foi finalizado com requintes de crueldade, rasgando a pele do seu couro capilar.

Há também outro momento que representa a transformação de seres humanos em objetos destituídos de identidade, como na cena em que as freiras obrigam as “Madalenas” a despirem-se, ordenando para que permaneçam alinhadas em fila. É nessa posição, nuas e sem nenhum amparo, que as freiras iniciam contra as internas um jogo perverso de humilhação e submissão, através de

um concurso para apontar qual carrega os maiores e os menores seios, qual tem mais pelos ou maiores ancas. O objetivo está longe de valorizar o que é mais belo ou harmônico, a proposta é única e exclusivamente voltada a humilhá-las e fazê-las pagar por seus supostos pecados.

Esses mecanismos de mortificação do eu e de reorganização pessoal geram um ambiente cultural de insuportável desconforto psicológico, tensão que acomete todas as presas na mesma intensidade. Contudo, são cristalinas as variações pela qual cada interna reage àquela situação extrema de estresse e confinamento, reações comportamentais manifestas das mais diferentes formas, conforme a constituição do ego, memórias de vida e experiências anteriores vivenciadas por cada uma delas.

Submetidas a um traumático processo de coisificação, as internas vão se sentindo cada vez mais deslocadas, a ponto de algumas delas não saberem como agir no momento em que, uma vez livres, retornam ao convívio em sociedade. Nesse sentido que se observa nitidamente como cada internada se vê diante da impossibilidade de adquirir os hábitos atuais que o mundo exterior passará a exigir.

O filme examinado é tão intensamente permeado de sutilezas e marcações simbólicas de opressão à mulher, que poderíamos dedicar páginas e mais páginas de análise na exploração de seus significados. Porém, em que pese a brevidade das considerações realizadas, esse ensaio buscou identificar, a partir da visão de Goffman, alguns dos elementos mais marcantes do mundo da pessoa internada no seio de uma instituição total religiosa, dotado de uma especial particularidade, que consiste no caráter involuntário e explorador das internações.

REFLEXÕES FINAIS

A forma como um determinado estigma é encarado por cada grupo social é um fenômeno bastante variável, relacionando-se diretamente com a atenção que é destinada à educação para com as diferenças. Entretanto, independente dos mecanismos que provoquem a exclusão de um grupo estigmatizado, isso não significa que a carga simbólica que caracteriza um determinado estigma seja eterna, pois sabe-se que a maioria das concepções científicas e dogmas religiosos são fruto do contexto histórico em que se está inserido.

O fundamentalismo religioso é uma manifestação que atinge todas as sociedades: é ilusão pensar que só mulheres de burca sofrem com a repressão patriarcal. Tanto as milhares de “bruxas”

queimadas na inquisição, quanto a estigmatização de mulheres livres que deixaram-se levar para viver seus desejos, foi provocada por motivações **exclusivamente humanas**, amparadas em um discurso escravagista de uma instituição de homens obcecada pelo sexo. No caso das irmãs de Madalena retratadas no filme, percebe-se que há uma inversão de todos os preceitos de amor, respeito, tolerância, compaixão e solidariedade pregados por Jesus Cristo, valores subvertidos em nome de uma moral desumana, voltada exclusivamente ao controle da sexualidade. A moral sexual é priorizada em detrimento da dor do próximo, que não é percebida. Assim, mal alimentadas, surradas, humilhadas, estupradas, com filhos levados à força, essas mulheres foram esquecidas, sem nem contar com a misericórdia proclamada por aqueles que se dizem mensageiros de Deus.

Oscilar entre o silêncio cruel, ora omitindo essa realidade de maus tratos, ora apoiando ativamente o estado teocrático, era a característica do contexto histórico da Irlanda do século XX, cujo passado é impossível apagar. Tal como tantas outras injustiças cometidas na História da Humanidade, devemos honrar a memória de todas essas pessoas, para que tais absurdos em nome de Deus não se repitam nunca mais.

Ficha: Em nome de Deus (BR). As Irmãs de Maria Madalena (PT); (The Magdalene Sisters). Inglaterra/Irlanda, 2002, 119min. Dirigido por Peter Mullan.

REFERÊNCIAS

GOFFMAN, Erving. *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. 4. ed. Rio de Janeiro : LTC, c1988.

_____. *Manicômios, prisões e conventos*. 7. ed. São Paulo: Perspectiva, 2001.

Recebido em: 03 de jan. 2017
Aceito em: 06 de jul. 2017